

**SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR AMADEUS – SESA
FACULDADE AMADEUS - FAMA
CURSO DE PEDAGOGIA**

MARLI PEREIRA DA PAIXÃO

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO
INFANTIL**

**Aracaju SE
2018.2**

MARLI PEREIRA DA PAIXÃO

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO
INFANTIL**

**Artigo científico apresentado à
Faculdade Amadeus como trabalho de
conclusão de curso e requisito básico
para obtenção do grau de Licenciatura
Plena em Pedagogia.**

**Orientadora: Professora Dra. Maria
Aparecida Souza Couto.**

**Aracaju SE
2018**

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Marli Pereira da Paixão¹

RESUMO

O presente artigo busca trazer uma análise sobre as contribuições da contação de histórias desde a antiguidade até os dias de hoje, a concepção de Infância, o percurso histórico da Literatura Infantil e as questões voltadas para a prática de ensino na sala de educação infantil onde o problema de pesquisa busca mostrar de que forma o estudo da contação de história pode contribuir para o aprendizado da criança na Educação Infantil, para elucidar essa questão buscou-se referencial teórico em Silva (2009), Oliveira (2008), Paschoal e Machado (2009), Bernadino e Souza (2011). Nessa visão destaca-se o seguinte objetivo, identificar as contribuições das histórias infantis para o desenvolvimento social e cognitivo da criança. Por meio da análise de todo aporte teórico, é possível concluir que a tradição da contação de histórias sobreviveu a diferentes transformações da sociedade e com as inovações tecnológicas não perdeu sua função na vida da criança.

Palavras-chave: Contação de histórias. Criança. Educação Infantil. Literatura Infantil.

ABSTRACT

This article aims to provide an analysis of the contributions of storytelling from antiquity to the present day, the conception of Childhood, the historical course of Children's Literature and the questions focused on the practice of teaching in the nursery where the In order to elucidate this issue, a theoretical reference was sought in Silva (2009), Oliveira (2008), Paschoal and Machado (2009). This study aims to show how the study of storytelling can contribute to children's learning in Early Childhood Education.), Bernadino and Souza (2011). In this vision, the following objective is to identify the contributions of children's stories to the child's social and cognitive development. Through the analysis of any theoretical contribution, it is possible to conclude that the tradition of storytelling survived different transformations of society and with technological innovations did not lose its function in the life of the child.

Key words: Storytelling. Kid. Child education. Children's literature.

¹ Graduanda em licenciatura em pedagogia pela Faculdade Amadeus. E-mail: marlypaixao73@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Na fase da educação infantil as crianças estão descobrindo diferentes emoções através diversas experiências com o meio que vive e que contribuirão na aprendizagem enquanto criança nos aspectos sociais, cognitivos e emocionais ao longo de sua vida. Para Vygotsky, a aprendizagem está relacionada ao desenvolvimento desde o início da vida humana, sendo “um aspecto necessário e universal do processo do desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas” (Vygotsky, 1984, p.101 apud. Farias e Rubio).

Dentro do mundo encantador da educação infantil as histórias infantis têm uma grande importância para o processo de aprendizagem da criança. Através delas o professor aborda temas que despertam a curiosidade e o interesse, proporciona também o contato da criança com a leitura e escrita desde cedo e propicia momentos com resolução de conflitos vividos na escola ou em casa.

Segundo Oliveira (2008, p.35) o educador é um mediador no processo de leitura de mundo da criança a partir do contato com os livros de histórias infantis, trazendo diversas possibilidades de lidar com a realidade que ela vive.

A história infantil é um capítulo da literatura infantil que é parte da literatura geral, ou seja, a história infantil é a narrativa de um ou mais episódios verídicos ou não, com enredo simples complexo, que possa ser apresentado ao público infantil, juvenil e/ou adolescente.

A literatura infantil é, sobretudo, *comunicação*, pois cria a relação entre sujeitos comunicantes: autor e leitor. (OLIVEIRA, 2008, p. 40).

Hoje a história é utilizada como um instrumento indispensável na sala de educação infantil, que pode favorecer de maneira significativa a prática docente. A contação de histórias favorece a socialização e aprendizado para os alunos, assim contribuindo para sua formação de futuro leitores. Ao ouvir histórias a criança estimula sua imaginação, criatividade, desenvolve habilidades cognitivas, a responsabilidade, respeito, valores, auto expressão, constrói seu conhecimento sobre as coisas, sobre o mundo.

Se a história infantil propicia ao educando inúmeras possibilidades de se desenvolver, é importante que haja principalmente nos professores de creches e pré-escolas o trabalho inclusivo e eficaz na utilização de diversos tipos de histórias em seus planos de aula, assim estes confirmaram o seu papel na formação dos pequeninos.

Portanto buscou-se reunir informações com o propósito de responder ao seguinte problema de pesquisa: De que forma o estudo da contação de história pode contribuir para o aprendizado da criança na educação infantil?

O presente artigo tem como objetivos: Identificar as contribuições das histórias infantis para o desenvolvimento social e cognitivo da criança; Analisar a contação de histórias na educação infantil como um instrumento pedagógico; Destacar as influências da contação de histórias no processo de aprendizagem das crianças; Descrever quais os métodos de contação de história deve ser utilizado na educação infantil.

O interesse do desenvolvimento desta pesquisa tem sua origem nas vivências da autora deste projeto como professora de classe de educação infantil lidando com crianças na faixa etária de dois a três anos de idade. Partindo de suas experiências afirma que as histórias infantis são muito importantes para o desenvolvimento das crianças, seja no seu cognitivo, social ou emocional, também podem ser trabalhada através de conteúdos em diversas áreas, na matemática trabalhando quantidades, formas; oral e escrita com a ação da história proporcionando o contato com palavras, desenvolvendo o gosto pela leitura e provocando a interação com os outros.

Justifica-se a pesquisa pelo fato de que no Brasil a concepção de infância foi submetida à análise sobre as mudanças ocorridas de acordo com as exigências sociais e trazendo o mundo da história infantil, que até hoje contribui para a aprendizagem da criança pequena.

A metodologia do presente artigo parte da pesquisa qualitativa bibliográfica como base das fontes secundárias, por meio de análises de artigos e livros referentes à temática em foco representada inicialmente. O estudo da pesquisa parte dos seguintes autores: Almeida (2015); Silva (2003); Craidy (1998) Souza e Bernardino (2011); Machado e Paschoal (2009); Silva (2009); Farias e Rubio (2012). Compreende-se que:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. (GIL, 2002, p.44)

A pesquisa bibliográfica ajudou a sustentar as ideias colocadas no presente artigo e a partir de diversos autores foi levantado discursões sobre a temática.

4. A CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA

Antes de falar da literatura infantil brasileira vale destacar situações onde o alvo principal desse contexto era então uma vítima sensível e indefesa. “Até o século XVII, as crianças conviviam igualmente com os adultos, não havia um mundo infantil, diferente e separado, ou uma visão especial da infância. Não se escrevia, portanto para crianças”. (SILVA, 2009 p. 136).

Abramovich apud (1995) “por muito tempo as crianças não tiveram acesso ao mundo da literatura infantil através de livros encantadores como nos dias de hoje, mesmo assim antes que existissem livros era através de rodas no chão que as pessoas mais velhas contavam lendas ou fatos reais”.

Sobre a educação das crianças na idade média Paschoal e Machado (2009 p. 80) “Por muito tempo a educação das crianças se mantinha na responsabilidade exclusiva da família, ou com as mulheres que não trabalhavam e junto aos adultos aprendiam as regras e as normas da sua cultura”.

Infelizmente nesse período as crianças não tinham direito de se expressar, não tinham nenhum tratamento diferenciado do adulto e aquelas que não tinham oportunidades de estar junto aos pais ou aos adultos que cuidavam, esses eram abandonadas. Dai então surgem alguns arranjos improvisados. “As mazelas contra a infância se tornaram tão comuns que, por filantropia, algumas pessoas resolveram tomar para si a tarefa de acolher as crianças desvalidas que se encontravam nas ruas”. (PASCHOAL, MACHADO, 2009.p.80).

Segundo SILVA (2009), até o século XVII, as crianças eram tratadas da mesma forma que os adultos. Neste período surge também surge à literatura infantil, os contos e as fabulas tinha o intuito de educar as crianças e aprender a diferenciar o bem do mal. No século XVII, a criança passa a ser reconhecida e vista como um

indivíduo que precisa de atenção. Foi notável a necessidade de tratar a criança separadamente do adulto, ou seja, com um olhar diferenciado, pois cada fase da criança merece uma atenção de acordo com seu desenvolvimento e necessidades. Com o nascimento da indústria brasileira no século XIX, período de mudanças profundas na sociedade onde alterou a rotina familiar, como no caso do papel da mulher como operária esta que antes cuidava apenas dos filhos em casa.

Paschoal e Machado (2009) ressaltam que:

Com o nascimento da indústria moderna alterou profundamente a estrutura social, modificando os hábitos e costumes das famílias, as mães operárias que não tinham com quem deixar seus filhos, utilizavam o trabalho das conhecidas mães mercenárias. (PASCHOAI, MACHADO, 2009.p.80).

A partir daí então as crianças não estão sujeita apenas a educação dos pais, mas de todos os ensinamentos daquelas mulheres que faziam parte da sua rotina diária como as mães mercenárias.

Morigi (2011), fala do legado que a Antiguidade deixou a Idade Média sobre a infância.

A primeira herança da Antiguidade não é nada boa: a vida da criança no mundo romano dependia totalmente do desejo do pai. O poder do pater familiar era absoluto: um cidadão não tinha um filho, tomava. Caso recusasse a criança - e o fato era bastante comum - ela era enjeitada. Essa pratica era tão recorrente que o direito romano se preocupou com o destino delas. E que acontecia a maioria dos enjeitados? A morte. (MORIGI, p. 395, 2011 apud COSTA, 2007, p.2).

Os maus tratos às crianças percorreram a Idade Média não havendo algum tratamento diferente do de adulto, suas vestes e brinquedos eram iguais.

Segundo Morigi (2011):

Os adultos se relacionavam com as crianças com discriminação, falavam vulgaridades, realizavam brincadeiras grosseiras, todos os tipos de assunto eram discutidos na sua frente, inclusive a participação de jogos sexuais. Isto ocorria porque não acreditavam na possibilidade da inocência pueril, ou na diferença de características entre adultos e criança. (MORIGI, p. 395, 2011 apud ROCHA, 2002, p.5).

O cenário não era nada legal, as crianças eram submetidas a participar de momentos desagradáveis e impróprios para elas, pois nesse período ainda não pensava em inocência.

Segundo Silva (2009):

A partir do século XVIII, a criança passa a ser considerado um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, havendo então o distanciamento da vida “adulta” e recebendo uma educação diferenciada, que a preparasse para essa vida. (SILVA 2009, p. 136).

A partir do século XIII a criança passa a ser reconhecida na sociedade como ela é e não como os adultos queriam que fossem. Surgem estudiosos que sustentam uma educação diferenciada.

4.1 CRECHE E PRÉ-ESCOLA

Mesmo que muitos pensem que a Creche ou outras modalidades infantis sejam locais somente de cuidar, ou de substituir os pais que estão trabalhando, é importante lembrar isso faz parte do passado, as instituições brasileiras tiveram o papel somente assistencialista, porém com a evolução do conhecimento tudo mudou e hoje essas instituições além de cuidar das crianças pequenas também ensinam e juntos vivenciam projetos pedagógico de acordo com sua organização.

Segundo Paschoal e Machado (2009) na Europa e Estados Unidos a partir da segunda metade do século XIX surgiram às primeiras instituições, sendo creches maternais e jardim de infância e outras modalidades educacionais, com o objetivo voltado a assistência física, higiênica e alimentar das crianças, mantinha também um caráter pedagógico e era modelo em diferentes países.

No Brasil, por exemplo, a Creche foi criada exclusivamente com o caráter assistencialista, o que diferenciou essa instituição das demais criadas nos países europeus e norte-americanos que tinham nos seus objetivos o caráter pedagógico. (PASCHOAL, MACHADO, 2009. p. 81)

A concepção de creche dentro da realidade brasileira surge e se modifica historicamente a partir das mudanças da sociedade.

Com o surgimento das indústrias as mulheres começam a trabalhar fora de casa, e os arranjos alternativos não eram o bastante para atender a demanda, surge então à creche que teve e tem o papel fundamental para a sociedade principalmente para os grupos, mais carente.

Oliveira et al. afirmam que:

A história da creche liga-se às modificações do papel da mulher na sociedade e suas repercussões no âmbito da família, em especial no que diz respeito à educação dos filhos. Essas modificações inserem-se no conjunto complexo de fatores contraditórios presentes na

organização social, com suas características econômicas, políticas e culturais. Em especial, a creche deve ser compreendida dentro de um contexto social que inclui a expansão da industrialização e do setor de serviços, ao mesmo tempo em que a urbanização cada vez maior. (OLIVEIRA et al. 1992, p.17).

Estas instituições surgem com as mudanças sociais, mesmo sem interesse algum nos cuidados com as crianças elas já estavam sendo o ponto de partida para a valorização sua valorização. Sobre creches e pré-escolas CRAIDY e KAERCHER (2001) também afirmam que:

As creches e pré-escolas surgiram depois das escolas e o seu aparecimento tem sido muito associado com o trabalho materno fora do lar, a partir da revolução industrial. Devemos lembrar também, no entanto que isto também esteve relacionado a uma nova estrutura familiar, a conjugal, na qual pai/mãe/seus filhos passaram a construir uma nova norma, diferente daquelas famílias que se organizavam de forma ampliada, com vários adultos convivendo num mesmo espaço, possibilitando um cuidado que nem sempre estava centrado na figura materna. (CRAIDY e KAERCHER, 2001, p.14).

Através dos estudos de Oliveira et al. Destacam que desde a constituição Federal de 1998, com o reconhecimento da etapa específica da Educação Infantil (EI), as creches e pré-escolas passaram a ser um direito social das crianças e um dever do Estado. Assim as entidades citadas passam também a serem responsáveis pelo cuidado e educação das crianças.

4.2 A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Contar história aparece na sociedade como algo antigo e usado como forma de passar conhecimentos e costumes para gerações futuras.

Segundo ABRAMOVICH, 1995, p.17 (2012, p. 6, apud, Farias e Rubio):

Contar histórias é a mais antiga das artes. Nos velhos tempos, o povo assentava ao redor do fogo para esquentar, alegrar, conversar, contar casos. Pessoas que vinham de longe de suas Pátrias cotavam e repetiam histórias para guardar suas tradições e sua língua. (ABRAMOVICH, 1995, p.17).

A participação da criança durante a contação de histórias na educação infantil é uma das mais belas vivências, é nesse momento que compartilhamos valores e ao mesmo tempo aprendemos com os pequenos, coisas que parecem simples mais com grandes significados.

Contar história é prazeroso, mas não adianta tentar fazer só pra agradar as crianças, mas deve sim, sair do íntimo do professor ou educador uma vontade própria e fascinante. Segundo Silva (2003 p. 50) “Contar história é uma arte, por conseguinte requer certa tendência inata, uma predisposição, latente, aliás, em todo educador, em toda pessoa que se propõe a lidar com as crianças”.

Segundo as autoras Oliveira et al (1992, p.30) e Almeida (2015, p.15), o adulto assume o papel de mediador na relação da criança com o meio. Diante disso entendemos que na educação infantil o professor é o responsável por colocar as crianças em diversas situações que permitam a elas o desenvolvimento social, emocional e cognitivo.

É através da interação com outras pessoas adultos e crianças que, desde o nascimento, o bebê vai construindo suas características: modos de agir, pensar, sentir sua visão de mundo, seu conhecimento. Assim sendo, a ideia de *interação* (“interação”), ou seja, de ação partilhada envolvendo as ações de, no mínimo, duas pessoas, e destacada. (OLIVEIRA et al, 1992, p. 30).

Percebe-se que já nos primeiros meses da fase infantil o bebê inicia o contato com o novo, com o próximo. Cada momento vivenciado através de estímulos do educador é prazeroso e proporciona diversos meios de aprendizagem.

Ao lidar com Literatura Infantil em sala de aula, o professor, pode propiciar a relação dialógica com o aluno e do aluno com sua cultura, com seus colegas, com sua realidade e consigo próprio, pois ao professor compete criar condições para que ele lide com a história a partir de seus pontos de vista, trocando impressões, brincando e jogando com ela, assumindo posições ante os fatos narrados, defendendo posições e personagens, criando novas situações pelas quais vai desdobrando a história original. (OLIVEIRA, 2008, p.39).

Além de vivenciar a realidade social através da literatura infantil, é necessário o exercício da valorização e do respeito com culturas de cada indivíduo ou grupo, claro que nesse caso o professor é o mediador do ambiente.

Segundo SILVA (2009), os primeiros livros infantis para crianças surgem no final do século XIX, e foram escritos por professores e pedagogos. Isso resulta em um casamento com a Pedagogia, passando os educadores a ser autores da literatura infantil e juvenil, de caráter moralista, direcionada para a formação e informação das crianças e dos jovens. Na última década do século XIX, ocorreu a publicação das primeiras traduções brasileiras dos livros infantis europeus e a produção de algumas obras originais de autores nacionais. Os autores e/ou editores

iniciantes das obras foram responsáveis por constituírem os primeiros discursos brasileiros sobre literatura infantil.

A história infantil hoje é de suma importância para o desenvolvimento criativo e emocional infantil. Além de estreitar a relação entre pais e filhos, contribuirá para um melhor desempenho escolar e o aumento do seu vocabulário. Quanto mais cedo à criança for apresentada ao livro e o prazer da leitura, maior será o desejo de mergulhar no encantamento das histórias guardadas em suas páginas e conseqüentemente, acontecerá à manifestação espontânea do amor aos livros.

A literatura infantil nos coloca frente a frente com a magia das narrativas que nos proporciona uma viagem contemplativa, onde somos despertados pelo “era uma vez” que na sua singularidade nos dá ideia do poder existente por trás de uma simples frase que nos possibilita identificar os mais profundos anseios guardados a sete chaves no íntimo de cada pequenino ser.

4.3 MÉTODOS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

A história infantil tem um papel fundamental quando usada como ferramenta pedagógica na sala de educação infantil. E a forma de sua utilização varia de acordo com a situação exigida podendo ser contada com a utilização de diversos recursos.

Segundo as autoras Bernardino e Souza (2011):

A didática do conto de histórias é motivante e enriquecedora nas séries iniciais, mas com o cuidado que a estrutura da narração deve ser previsível para a criança, de fácil linguagem, com imagens e possibilidade de exploradas posteriormente de forma lúdica, às narrativas possibilitarão as crianças um melhor desenvolvimento da capacidade de produção e compreensão textual. (BERNARDINO; SOUZA, 2011, p.238).

De acordo com Abramovich (1995) antigamente os povos utilizavam a roda de conversa e momentos de contar fatos sobre a cultura de um povo, hoje um dos métodos e mais utilizado de contar histórias para crianças pequenas é através das rodas, desde bebês elas observam os gestos e atenciosamente ouvem a narração.

Mas o método vai sempre variar, depende da ocasião, necessidade das crianças, dos recursos disponíveis e da história escolhida. Pode ser uma

dramatização com fantasias, uma apresentação com fantoche, com dedoche, com objetos e bonecos, ou uma apresentação cantada onde os alunos podem interagir com brinquedos sonoros, cenário móvel de papelão é outro acessório indispensável e que as crianças adoram, lembrando que os maiores preferem a apresentação em pé e com cenas dramatizadas, eles podem ser os personagens, e se sentirão um máximo somente o mais tímido ficará observando.

Silva (2003) relata a questão de o professor tomar cuidado no momento que for contar histórias ou apresentar outros recursos para as crianças. Vejamos: se for uma simples narrativa a voz e a expressão corporal serão os únicos recursos que ele terá disponível, se as histórias são acompanhadas por ilustração o papel do educador é auxiliar os alunos a entrelaçar as ideias com as imagens; se o educador escolher narrativas com recursos materiais existem infinitudes de táticas que podem ser utilizadas como: fantoches, "cineminha", vídeos, entre outros.

Um bom contador de histórias se preocupa com a preparação antes, durante, e depois da narração. Alguns elementos são indispensáveis para o contador, neste caso o professor deve observar se o livro está adequado à idade do aluno, deve fazer uma pré-leitura para estar atualizado, o espaço, os materiais, o olhar, gestos, e expressões, e o envolvimento do grupo é importante, fazer perguntas sobre os personagens, sobre o final da história, e até desenhar algo relacionado à história.

Crianças de dois aos três anos já conseguem falar formando frases pequenas e lembram acontecimentos que foram significativos para elas. Nessa fase as crianças ouvem História com uma atenção maior, fazem desenhos, relatam fatos no outro dia e pedem para a professora repetir e eles mesmos recriam os contos.

Portanto, é evidente que quando as crianças interagem a partir de uma música ou personagem da história elas podem quebrar barreiras na comunicação, se mostrar disposta ao desenvolver uma atividade, ou até falar sobre algo que te incomoda, seja um problema na própria instituição ou em casa entre outros fatores.

4.4 OS CONTOS DE FADAS

Os contos de fadas configuram uma literatura enriquecedora seja para a criança, e até mesmo para o adulto, pois, embora eles tenham sido inventados num passado distante, eles proporcionam nos dias atuais aprendizados sobre os

problemas mais íntimos do ser humano, dificuldades e soluções que atravessam as barreiras do tempo e são compreensíveis no universo infantil.

Segundo BETTELHEIM (2014, p.11)

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar a curiosidade. Contudo para enriquecer a sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar em harmonia com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. (BETTELHEIM, 2014, p.11).

Podemos perceber a dimensão do quão significativo tem sido esses contos ao longo do tempo e a contribuição das mensagens implícitas nesses conteúdos para o desenvolvimento do pensamento em todos os níveis da personalidade humana.

Segundo OLIVEIRA (2008)

No contato da criança com a obra literária, estabelece-se uma dupla relação: do leitor com as personagens e destas com o leitor. Nessa comunicação, aquele se identifica ou não com a situação vivida por elas. Não é raro p leitor colocar-se no lugar da personagem, e essa experiência vivida por ele no campo subjetivo levá-lo a uma comunicação com seu mundo interior, na busca da superação de seus conflitos e na elaboração de seu equilíbrio. (OLIVEIRA, 2008, p.41)

O dilema existencial é uma característica dos contos de fadas e isso permite à criança assimilar melhor os problemas de forma simplificada, sem causar confusão, ao contrário do que ocorre em muitas histórias infantis modernas. Nos contos de fadas o mal é tão real quanto à virtude e como problema moral requer a luta para resolvê-lo o que proporciona à criança um confronto com as dificuldades humanas.

Bruno Bettelheim, educador e terapeuta infantil, em seu livro *A psicanálise dos contos de fadas*. Como terapeuta relata suas experiências e sua tarefa de encontrar alternativas e caminhos para ajudar crianças no seu desenvolvimento, a fim de capacitá-las a enfrentar seus conflitos, seus medos suas angustias. Ele escreve:

Contos ou personagens típicas tais como o “Gato de Botas”, que providencia o sucesso do herói por meio da trapaça, e João, que rouba o tesouro do gigante, edificam o caráter não promovendo escolhas entre o bem e o mal, mas dando à criança a esperança de

que mesmo o mais submisso pode ter sucesso na vida. BETTELHEIM (2014, p. 18).

Há uma diversidade de exemplos de personagens que mexem com o imaginário infantil entre as quais muitas são prestigiadas a exemplo de histórias como “Os Três Porquinhos” que exercem um verdadeiro fascínio nas crianças quando bem narradas e interpretadas com verdadeiro sentimento.

“Os três Porquinhos” ensinam à criança pequenina, da forma mais saborosa e dramática, que não devemos ser preguiçosos e levar as coisas na flauta, porque se o fizermos poderemos perecer. Um planejamento e previsão inteligentes combinados a um trabalho árduo nos farão vitoriosos até mesmo sobre nosso inimigo mais feroz – o lobo! “A história também mostra as vantagens de amadurecer, visto que o terceiro e mais sábio dos porquinhos é normalmente retratado como o maior e mais velho” BETTELHEIM (2014, p. 61).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa presente com o tema “Contação de Histórias: Contribuições para o desenvolvimento Infantil” buscou-se nos teóricos compreender a concepção de infância e resgatar a sensibilidade dos adultos e professores no sentido de trazer a magia das histórias para a sala da educação infantil e proporcionar as crianças momentos de interação onde à realidade e a fantasia possa ser desfrutada de forma harmoniosa. Trazendo principalmente as histórias como um instrumento pedagógico que contribui para o aprendizado da criança. De acordo com os referenciais teóricos analisados foi possível alcançar os objetivos destacados no presente artigo e mostrar ao leitor a importância da contação de histórias na educação infantil.

Portanto para que haja uma aprendizagem significativa na educação infantil é necessário que o professor tenha uma preparação profissional e se envolva com a realidade do aluno, não fazendo algo por ele mais mostrando caminhos e proporcionando momentos de vivências significativas e prazerosas para seu desenvolvimento e amadurecimento cognitivo. Portanto a história infantil contribui para os diversos aspectos da criança.

De acordo com os referenciais teóricos analisados foi possível alcançar os objetivos destacados no presente artigo e mostrar ao leitor a importância da contação de histórias na educação infantil.

Pais e professores precisam estar em sintonia para através das carências apresentadas pelas crianças poderem se empenhar em compartilhar o que de melhor a literatura infantil possa oferecer. Com o passar do tempo, as crianças compreenderão que essas histórias servirão de preparação para enfrentarem com coragem e muito otimismo as prováveis crises durante as mudanças em seu crescimento, pois elas refletem em suas fantasias a realidade do nosso dia a dia.

O público infantil nunca vai perder o interesse por esses personagens e enredos do passado, basta que para isso nós adultos nos empenhemos em melhorar cada vez mais a nossa criatividade para assim motivá-las a continuar passando de geração a geração essa fonte de saber rica em conteúdos e valorosa oralidade.

Fazendo o uso das novas tecnologias proporcionando maior interatividade às crianças com o mundo, com o encanto do lúdico apresentado na mídia onde elas podem ver os personagens sair do livro e ganhar movimento, com uma grande importância de que as tecnologias vieram e causaram grandes mudanças, mas não perdemos a cultura da nossa literatura infantil.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Solange Magno de. **Contação de histórias na educação infantil: a importância dada por professores.** Capivari-SP: CNEC, 2015.40 p.1-46.

BERNADINO, Andreza Dalla; SOUZA, Linete Oliveira de. **A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental.** Educar e. **Revista de educação.** Vol. 6 n°12 jul./dez.2011, p.235 – 249.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas.** Tradução de Arlene Caetano. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FARIAS, Franci Rennia Aguiar de; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. Literatura Infantil: A Contribuição dos Contos de Fadas para a Construção do Imaginário Infantil. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**-Volume 3-n 1-2012.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

Org. CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. **A literatura para criança e jovens no Brasil de ontem e de hoje: caminhos do saber.** São Paulo: Paulinas, 2008.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes... [et al]. **Creches: criança faz de conta & Cia.** 13. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina Gomes. **A história da educação infantil no Brasil: avanços retrocessos e desafios dessa modalidade educacional,** mar.2009, p.78-95.

PATRINI, Maria de Lourdes. **A renovação do conto: emergência de uma prática oral.** São Paulo: Cortez, 2005.

SILVA, Maria Betty Coelho. **Contar histórias uma arte sem idade.** In_____. A narração da história. São Paulo, 2003. Cap. 4.p.47-58.